

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Éder Francisco Belloli

**A HEGEMONIA DO ESPORTE E A ESPORTIVIZAÇÃO DA AULA DE
EDUCAÇÃO FÍSICA NO AMBITO ESCOLAR: UMA REVISÃO BIBLIOGRAFICA.**

PORTO ALEGRE

2016

Éder Francisco Belloli

**A HEGEMONIA DO ESPORTE E A ESPORTIVIZAÇÃO DA AULA DE
EDUCAÇÃO FÍSICA NO AMBITO ESCOLAR: UMA REVISÃO BIBLIOGRAFICA.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado à Escola de Educação Física da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito parcial para a obtenção do título
de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Fabiano Bossle.

PORTO ALEGRE

2016

Éder Francisco Belloli

**A HEGEMONIA DO ESPORTE E A ESPORTIVIZAÇÃO DA AULA DE
EDUCAÇÃO FÍSICA NO AMBITO ESCOLAR: UMA REVISÃO BIBLIOGRAFICA.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Aprovado em.....de.....de.....

BANCA EXAMINADORA

Nome do professor - instituição

Nome do professor - instituição

Orientador - Prof. Dr. Fabiano Bossle - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer meu pai, Francisco (in memorian), e minha avó Lídia (in memorian), por sempre terem se doado em prol da família, dando condições para que eu tivesse uma educação digna e, assim, ingressasse na Universidade. Também agradeço minha mãe, Heloisa por ter sido mãe e pai ao mesmo tempo, não deixando de incentivar para que persistisse nos estudos.

Agradeço ainda meu orientador, Fabiano, pela paciência, dedicação e por ser esse grande profissional que é. Dentro da Universidade, foi um grande espelho e exemplo a ser seguido, sendo, desde o primeiro dia de aula, no 2º semestre, a minha escolha como orientador.

Por último, porém não menos importante, gostaria de agradecer minha namorada Kaliandra, por ter sido a alavanca que impulsionou minha entrada na UFRGS, pois sem seus esforços e incentivos, talvez eu não estivesse aqui hoje realizando o sonho de me formar professor.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é abordar um assunto que, há anos assombra a Educação Física escolar, que é a “Esportivização” da Educação Física, assim como a “Hegemonia” de modalidades esportivas em suas aulas.

Para o desenvolvimento deste assunto, tomei por base, referenciais teóricos, para que assim, seja possível compreender essa escolha, quase que sempre fiel, do esporte como agente difusor do movimento na escola e, assim, possamos entender alguns questionamentos, como por exemplo: Por que os professores de Educação Física, muito embora em sua graduação tenham disciplinas como dança, ginástica, folclore, entre outras, pouco se utilizam de tais conteúdos, prevalecendo em suas aulas conteúdos esportivos, não obstante, o “Quarteto Mágico” (Futebol, Voleibol, Basquetebol, Handebol).

Palavras-chave: Esportivização, Educação Física escolar, Esporte na Escola.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2. UM BREVE PANORAMA SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA	8
2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: A PRÁTICA QUE SE TORNOU COMPONENTE CURRICULAR.	8
3 OS COMPONENTES DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	12
3.1 A ESCOLA.....	12
3.2 O PROFESSOR	15
3.3 O ALUNO	18
4 O ESPORTE COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL.....	21
4.1 O QUE É O ESPORTE?	21
4.1.1 Classificação do Esporte	22
4.2 A PEDAGOGIA DO ESPORTE NA FASE ESCOLAR.....	23
5 A ESPORTIVIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	24
5.1 OS FATORES DETERMINANTES PARA A ESPORTIVIZAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.	25
CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

1 INTRODUÇÃO

A escolha por este tema se deu com base em uma curiosidade de minha parte, que se originou no ensino médio e, ainda hoje - na Graduação -, me causa desconforto. Acredito que tal assunto há anos assombra a Educação Física escolar, que é a Esportivização e a Hegemonia de algumas modalidades esportivas nas aulas de Educação Física.

Conforme Betti (1999, p. 25-31):

O esporte é o meio mais utilizado pelos professores para aplicar a Educação Física na escola, valendo-se apenas do famoso “quarteto fantástico” (futebol, vôlei, basquete e handebol), deixando de lado outras modalidades como a dança e a ginástica artística.

Entende-se por Educação Física, a cultura corporal expressa através do movimento e a escola, um espaço disseminador de conhecimentos, onde o professor de Educação Física é responsável por proporcionar experiências psicossociais e motoras, a fim de contribuir para o desenvolvimento dos indivíduos. No que diz respeito à Educação Física, esta possui diversas vertentes para proporcionar tais experiências, sendo uma delas, o esporte.

Betti (1999, p. 25-31) complementa o assunto afirmando que:

Porém, somente algumas modalidades, tais como futebol, voleibol e basquetebol fazem parte das aulas de Educação Física. Outras modalidades como o atletismo e a ginástica artística, por exemplo, são raramente difundidas entre os escolares.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacional (PCNs):

Entende-se a Educação Física como uma área de conhecimento da cultura corporal de movimento e a Educação Física escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas e das ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida. (BRASIL, 2016)

Com base nisso, não é muito difícil compreender que a Educação Física escolar, tem como objetivo, trabalhar diversos aspectos, sociais, motores e cognitivos não limitando-se única e exclusivamente à reprodução de um determinado esporte ou ainda, ao “fazer por fazer”. Contudo, não é muito difícil observarmos um certo

marasmo, em muitas escolas, onde a Educação Física se dá através da reprodução esportiva ou ainda, apenas como uma disciplina de atividades livres.

Nesta perspectiva, Darido *et al.* (*apud* DEIROZ, 2008), completa dizendo que “o esporte vem sendo trabalhado, nessas aulas, apenas na dimensão procedimental, ou seja, somente por meio do fazer por fazer”.

Sendo assim, como entender essa escolha fiel e pontual de tais atividades, uma vez que nas estruturas curriculares, de acordo com as opções de cada instituição, os professores trazem em seus currículos as disciplinas de dança, capoeira, judô, atividades corporais expressivas, ginástica, folclore e outras? Por este ponto de vista, Betti (1999) faz algumas indagações muito relevantes que servirão como norteadoras deste trabalho: Como explicar a pouca utilização destes conteúdos? Falta de espaço, de motivação, de material? Comodismo? Falta de aceitação destes conteúdos pela sociedade? Ou será que os professores desenvolvem somente os conteúdos com os quais têm maior afinidade?

Evidentemente, existem diversos fatores que contribuem para que os Professores optem por desenvolver tais modalidades esportivas dentro da escola. Portanto, o objetivo central deste trabalho é, utilizando uma metodologia descritiva, através de pesquisa bibliográfica, tentar compreender: “Os fatores que levam à Esportivização da Educação Física Escolar e à Hegemonia de algumas modalidades esportivas durante as aulas de EFI”.

2. UM BREVE PANORAMA SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA

Este capítulo fará um prelúdio que servirá como base para o desenvolvimento do assunto central, pois se trata de um breve resumo dos períodos transitórios pelos quais a Educação Física passou até chegar ao âmbito escolar dos dias atuais.

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: A PRÁTICA QUE SE TORNOU COMPONENTE CURRICULAR

A Educação Física, em suas origens, possuía uma vinculação muito forte com as instituições militares e com a classe médica. Tais vinculações influenciaram diretamente a Educação Física quanto à sua prática e até mesmo os seus campos de atuação, bem como, interviram na forma como esta era transmitida.

Em um primeiro momento, numa época onde se tinha uma grande preocupação com a eugenia, visando à melhora na qualidade de vida dos indivíduos, os médicos assumiram uma posição “Higienista”. Pode-se dizer que o higienismo foi uma das vertentes que, inicialmente, influenciou muito a Educação Física. Trata-se de uma perspectiva que compreendia a Educação Física, como um meio para a preservação e manutenção da saúde, buscando a preparação física dos indivíduos para o trabalho e as longas jornadas da época. Tal pensamento teve forte influência na moldagem da Educação Física no Brasil, sobretudo no que diz respeito às suas características eugênicas, como pode ser visto no fragmento abaixo:

A função do exercício é de todo eugênica. Opõe-se-lhe a do vício, que é disgênica. [...] Se é verdade que quereis promover a regeneração moral do indivíduo e da nação, é começar por uma larga política de defesa e de educação sanitária [...]. Não levássemos por diante, não continuássemos ao contrário fomentar a educação física, cujos benefícios tão amplamente repercutem na moral individual e coletiva, acabaria por esgotar-se, nas suas fontes mais puras, a vida nacional, quando podíamos fazer surgir uma nova ordem de coisas por meio de uma educação enérgica e integral e por isso apta a transformar gerações novas, radicando-as no país por uma corrente vigorosa de nacionalismo. (AZEVEDO, 1920, P.206)

Ao ritmo deste contexto histórico, implementa-se a “Reforma Couto Ferraz”, a qual, fez da Educação Física, uma disciplina obrigatória nas escolas do município da corte. Ainda, conforme Soares (2002, p. 20), em 1882, Rui Barbosa deu seu

parecer sobre a reforma Leôncio de Carvalho, Dec. 7.247/1879, no qual defendeu a ginástica nas escolas, onde o professor de ginástica teria uma equiparação com os docentes de outras disciplinas, sob a explicação de que um corpo saudável sustenta a atividade intelectual. No início do século 20, a Educação Física estava presente no currículo dos estados da Bahia, Distrito Federal, Minas Gerais, Pernambuco e São Paulo. Já na constituição de 1937, em seu artigo 131 constava que, o ensino da educação física, o ensino cívico, e o de trabalhos manuais serão obrigatórios em todas as escolas primárias, normais e secundária, não podendo nenhuma escola de qualquer destes graus ser autorizada ou reconhecida sem que satisfaça aquela exigência.

Conforme Neira; Nunes (2009, p. 35), esse período conhecido como “ginástico”, estava situado em uma época aonde ideais iluministas conduziam à institucionalização leiga do ensino. Desta forma, tinha-se como objetivo principal, educar os corpos rebeldes de crianças e dos jovens, se utilizando dos métodos ginásticos provenientes do Movimento Ginástico Europeu. Soares (2008, p. 278) completa afirmando que “esses métodos surgiram como um primeiro esboço de sistematização científica da atividade física [...], genericamente denominada ginástica”. Cabe salientar que, tais métodos, por sua vez, estavam sob influência do contexto histórico social vivido: “Revolução Industrial”. Desta forma, buscava-se a melhoria na saúde da população, a fim de prepará-los para as duras e longas jornadas de trabalho. No âmbito escolar, de acordo com Soares (2002, p. 20), o papel da Educação Física era desenvolver nos indivíduos à vontade, a coragem, a força e a energia de viver.

Neste molde de currículo, promover determinadas atividades que alcançassem tais objetivos era uma função delegada ao professor de ginástica. Porém, este professor, não necessitava de qualquer formação específica da área para ministrar as aulas, “o governo fornecia manuais para que os professores pudessem aplicar determinadas atividades” (NEIRA; NUNES 2009, p. 65).

Num segundo momento, surge uma nova perspectiva chamada de “Militarismo” com um caráter diferente do higienismo, onde se visava preparar fisicamente o cidadão para defender a Pátria, devido ao contexto histórico de guerras e conflitos. Além do aperfeiçoamento da raça, objetivava-se conscientizar o cidadão acerca de seus deveres, de modo que este se sujeitasse ao autoritarismo dos governantes e se autogovernasse contra o desleixo, a descompostura e a

desordem. Apesar de possuírem características diferentes, ambas as vertentes, tinham da Educação Física, uma visão unicamente prática, sem qualquer fundamentação teórica.

Já nas décadas de 50 – 60 do século XX, modos de produção como o fordismo, entusiasmaram para que o aperfeiçoamento técnico fosse o elemento central do currículo. Neste mesmo período, a primeira LDB (Lei nº 4.024, 20 de Dezembro de 1961) juntamente com a Lei 5.540/68, tornaram a EFI, uma disciplina obrigatória nos graus primários até os 18 anos, sendo essencialmente de caráter prático onde se priorizava o desempenho tático e físico.

Em 1971, o advento do decreto nº 69.450/71, que dispõe acerca da obrigatoriedade da Educação Física no currículo escolar, veio à reforçar a idéia de preparar os jovens para que pudessem entrar aptos e com vigor no mercado de trabalho. Conforme os parágrafos 1º e 2º do art. 3º do decreto:

§ 1º A Aptidão física constitui a referência fundamental para orientar o planejamento, controle e avaliação da Educação Física, desportiva e recreativa, no nível dos estabelecimentos de ensino.

§ 2º A partir da quinta série da escolarização, deverá ser incluída na programação de atividades a iniciação desportiva. (BRASIL 2016)

Adjunto a este decreto, o esporte tinha como principal função, desenvolver e aprimorar forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do indivíduo, por meio de habilidades técnicas. Contextualizando, Bracht (2010, p. 10) descreve que neste período – esportivo -, o esporte torna-se o principal meio para promover o aperfeiçoamento técnico nas aulas de EFI, devido a sua importância política e econômica, consolidando desse modo, seu espaço na instituição escolar. Sendo assim, visando a melhora da aptidão física do indivíduo, o esporte torna-se elemento central das aulas de Educação Física, isso porque, assevera Soares (1992, p. 36):

[...] possibilita o exercício de alto rendimento e, por isso, as modalidades esportivas selecionadas são geralmente as mais conhecidas e que desfrutam de prestígio social, como por exemplo, voleibol, basquetebol etc. Os conteúdos de ensino são sistematizados na forma de técnicas e das táticas dos considerados fundamentos de alguns esportes, como: o passe, o drible, os arremessos etc.

Neste contexto, a escola por aceitar o esporte como forma didática, acaba desempenhando um papel de base para o esporte de auto rendimento, portanto “o

professor passa a professor-treinador e o aluno a aluno-atleta, uma vez que falta definição para o verdadeiro papel do professor na Educação Física escolar.” (BRACHT, 1992, p.35).

Desta forma, Bracht (2010, p. 2) completa afirmando que:

As modalidades esportivas que mais se fizeram presentes e, de certa forma, ainda persistem, são o futebol/futsal, o voleibol, o basquetebol e o handebol. A proeminência desses esportes tornou-se tão grande que em alguns contextos são caracterizados como o “quarteto mágico”. Além destas modalidades, também o atletismo ganhou algum destaque e, em algumas poucas escolas que dispõem de piscina, a natação.

Na década de 1980, devido ao contexto político vivenciado no Brasil, “o caráter essencialmente prático da área na instituição escolar começa a ser questionado por um grupo de pesquisadores da Educação Física brasileira” (GONZALES; FRAGA, 2012). Desta forma, a educação passou por mais transformações, sobretudo, da teoria crítica sob forte influência de Paulo Freire e da educação progressiva. Ainda, Bracht (2002, p. 2) descreve esse período como “radical no entendimento do conteúdo da disciplina”.

Neste período, surgiram diversas propostas para a EFI, dando origem à um movimento que, mais tarde, passou a ser chamado de Movimento Renovador da Educação Física. Este movimento tinha como objetivo central, compatibilizar a Educação Física com as demais disciplinas no que diz respeito ao cumprimento da função social da Escola. É então a partir deste movimento que se passou “a entender a função da disciplina Educação Física como a de introduzir os alunos no universo da cultura do movimento” (BRACHT, 2010, p. 10).

Embora os conteúdos seguissem os mesmos, os objetivos à serem alcançados e a forma como a Educação Física seria abordada no âmbito escolar, tomaram outros rumos. No lugar da aptidão física e do esporte de alto rendimento, o desenvolvimento físico, motor e cognitivo deveriam ser abordados de forma à bater de frente com o contexto sociocultural dos alunos.

Portanto, ao longo de sua história, a Educação Física passou por diversas influências e modificação e que, por sua vez, acabaram por influenciar o seu jeito de atuar e de “fazer” Educação Física na Escola.

3 OS COMPONENTES DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Este capítulo trás em pauta os componentes da Educação Física Escolar: Escola, o Professor e o Aluno de Educação Física, para que possamos compreender, dos diferentes pontos de vista, assim como, os caminhos que levam à esta “Esportivização na Educação Física Escolar”.

3.1 A ESCOLA

Desde os primórdios da humanidade, uma série de conhecimentos empíricos, nas mais diversas áreas, foram sendo descobertos e aglomerados. Por volta do século XIX, os conhecimentos eram disseminados, por professores particulares, nas residências daqueles que possuíam dinheiro para pagar por esse ensino. Portanto, aqueles com melhores condições financeiras, acabavam ocupando melhores cargos, enquanto os mais carentes, não possuíam as mesmas oportunidades. Desta forma, com a finalidade de oportunizar as mesmas oportunidades à todos, surge a “Escola”. A Escola, por ser um espaço sociocultural, permite que o processo de aprendizagem educacional, escolarizado e institucionalizado, baseando-se nas necessidades sociais do indivíduo, ocorra de forma mecânica e organizada.

Se pensarmos nas sociedades culturais “primitivas”, lembramos que o processo de aprendizagem se dava de maneira natural e informal, ou seja, era um conhecimento passado de geração para geração, do mais velho ao mais novo, visado na sobrevivência da comunidade/tribo. Como afirma Saviani (2000, p. 15), a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos.

Já nas sociedades de culturas “civilizadas”, iniciou-se certa ampliação do conhecimento e, como consequência, uma divisão dos indivíduos, baseada na economia, gerando uma divisão do “saber”.

De acordo com La Taille, (*apud* COUTINHO, 2016):

[...] na sociedade contemporânea, a escola adquire especial importância e as relações nela estabelecidas são imprescindíveis na construção dos processos psicológicos dos sujeitos. Na situação de ensino-aprendizagem a intervenção pedagógica leva o educando a desenvolver avanços que não ocorreriam espontaneamente.

Nesse sentido, La Taille, (*apud* COUTINHO, 2016):

A importância da intervenção deliberada de um indivíduo sobre os outros como forma de promover desenvolvimento articula-se com o postulado básico de Vygotsky a aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento desde o nascimento da criança.

Desta forma, não é difícil perceber que a educação inicia-se nos primeiros instantes de uma nova vida, passando por longos processos de aprendizagens e perpetuando-se ao longo da vida, onde a escola tem o papel fundamental de ser o espaço onde esse conhecimento poderá ser difundido em um determinado período da vida do ser humano. Neste modo de pensar, Godotti (1997, p. 4) nos diz ainda que, “não existe idade para a educação, desde que ela se estenda pela vida e que não é neutra”.

De acordo com Pimenta (2000, p. 15), “a identidade da escola é garantir que as crianças e os jovens sejam capazes de pensar e articular soluções para se apropriarem da riqueza da civilização e dos problemas que essa civilização produziu”.

A educação escolar para Libâneo (1991, p. 34):

Possibilita também aos alunos o domínio do conhecimento cultural e científico. A educação escolar socializa o saber sistematizado e desenvolve capacidades cognitivas e operativas para a atuação no trabalho e nas lutas sociais pela conquista dos direitos de cidadania.

Indo pelo viés da prática, no que tange o processo pedagógico da Educação Física, Irene Conceição Rangel Betti (1999, p. 26) argumenta criticamente ao afirmar que “a escola assumiu o ensino do esporte como única estratégia, uma vez que a Educação Física tem no movimento, tanto um meio quanto um fim para atingir o seu objetivo educacional”. Ainda, embora a Educação Física tenha um grande repertório de atividades e objetivos à serem alcançados, a escola reproduz o esporte como forma de aprendizagem, onde, a ginástica e a corrida, servem de aquecimento e, ainda, os jogos populares acabam se transformando em jogos pré-desportivos. Cabe lembrar que, “sentidos como o expressivo, o criativo e o comunicativo, que se manifestam em outras atividades de movimento, não são explorados quando o conteúdo escolar é apenas o esportivo” (KUNZ 1989, p. 63).

Se o esporte é o conteúdo hegemônico nas aulas de Educação Física, sendo que o mesmo restringe-se ao processo de ensino-aprendizado de técnicas, táticas, gestos automatizados e, onde somente o professor os conhece e domina, o sentido-significado para o aluno, acaba ficando a mercê de uma simples reprodução e, ainda à exclusão daqueles que são os menos aptos à tais práticas esportivas. “Isto não quer dizer que se queira negar totalmente o esporte, mas sim, levantar questões sobre sua orientação no sentido do Princípio de Rendimento e Concorrência, que seleciona os melhores, classificam e relegam os mais fracos” (BETTI, 1999, p. 27).

Tendo da prática, o principal meio para disseminar os propósitos da Educação Física na escola, devemos lembrar que se faz necessário um espaço para que o processo de ensino-aprendizagem possa ocorrer. Devido à isso, são inúmeros os fatores que, de certa forma, acabam interferindo no modo como a disciplina é aplicada.

Em um estudo realizado por (SILVA; DAMAZIO, 2016), diversos fatores foram mencionados e observados como causas para as dificuldades que se apresentam na aplicação da Educação Física escolar, assim como levam para a hegemonia de algumas atividades. Dentre estes fatores, está a falta de espaço para, por exemplo, a realização da educação física para duas ou mais turmas durante o mesmo período e, ainda, a carência de um local alternativo para trabalhos diferenciados como dança, luta, ginástica e atletismo.

Não obstante, tanto nas escolas apresentadas no estudo, quanto na realidade de muitas outras escolas, nos dias chuvosos ou com grande incidência de raios solares dos dias quentes de verão, os alunos ficam a mercê do clima, tendo que o Professor remanejar todo o plano de sua aula em função disto.

Nas escolas que contemplam quadra, muitas vezes não possuem redes para vôlei, cesta para basquete ou até mesmo as marcações para estas ou quaisquer outras modalidades, contendo apenas, as demarcações para o futsal o que, de certa forma, fomenta a vontade dos alunos em jogar o futsal (afinal, se trata de um fenômeno sociocultural), assim como, aumenta a probabilidade do planejamento do professor se centrar no futsal, ou ainda pior, se desmotivar com o passar do tempo e acabar sendo o professor do “largobol”.

Outro fator muito importante de se levar em consideração é a limitação dos espaços físicos da escola que se confundem, durante recreio e intervalos, com os

espaços em que as aulas de EFI estão sendo realizadas, causando interferência no trabalho pedagógico do Professor de Educação Física.

Por outro lado, os espaços utilizados para a Educação Física, são próximos às salas de aulas ou biblioteca ou até mesmo da secretaria e, devido ao som que se reproduz durante as práticas, acabam por interferir nestes ambientes o que, muitas vezes, é visto com maus olhos pelos demais docentes e discente que não estão participando da aula, ainda “os professores que estão nas salas de aula reclamam constantemente, causando situações de conflitos e tensão entre a equipe pedagógica, alunos e diretor” (SILVA; DAMAZIO, 2016).

Outro fato alarmante, que não só interfere na disciplina, mas também implica em graves conseqüências para a saúde das crianças é lembrar que:

[...] o Brasil, país localizado em região tropical, é caracterizado por apresentar grandes variações climáticas devido a suas proporções continentais, com associação de altas temperaturas e umidade relativa na maior parte do ano. Estudos demonstram que jovens que participam de programas esportivos em regiões de clima tropical podem desenvolver um estado crônico de desidratação se não houver reposição hídrica adequada. Prevenir tal situação em crianças é tão essencial quanto em adultos. (ROSSI *et. Al*, 2016)

Porém, em muitas escolas, não se observa bebedouro próximo ao local das aulas, inviabilizando assim, a hidratação dos alunos durante as atividades.

Portanto, é possível observar que a estrutura da escola é capaz de comprometer o trabalho pedagógico da disciplina, influenciando sobre o modo de sua reprodução, no desenvolvimento dos planos de aula dos docentes assim como na escolha fiel por determinadas atividades que, em geral, se resumem em modalidades esportivas, como por exemplo, o futsal.

3.2 O PROFESSOR

A Docência nunca foi tarefa muito fácil e, se tratando da área da EFI, as coisas se tornam um pouco mais atípicas. No âmbito escolar, Wittizorecki (2001, p. 27) afirma que:

O professorado de Educação Física realiza um trabalho nas escolas, ao mesmo tempo, comum a dos outros professores, em função da consonância com os propósitos da instituição escolar; e singular, em função da especificidade dos conhecimentos e das práticas da área. Tal especificidade pode ser facilmente visualizada na natureza dos espaços que os

professores de Educação Física utilizam para a sua intervenção, na peculiaridade dos materiais e recursos que esses fazem uso, no trato pedagógico com as manifestações da cultura corporal e com o movimento, e mesmo, nas relações que esses docentes estabelecem com outros professores e com o alunado.

Tais características fazem da Educação Física uma disciplina diferenciada, mas nem sempre vista com bons olhos no âmbito escolar. Neste contexto cabe salientar que, muitas vezes, por possuir um caráter mais prático, entrando em dissonância com o “intelectual” - principal característica da escola moderna - a Educação Física acaba sendo acimada de “inferior” por ser de fácil aprovação e pouca exigência, assim como seus docentes, sustentam um fardo de ter um “trabalho fácil”. Günther (*apud* WITTIZORECKI, 2001, p. 27) completa dizendo que, “não obstante, seus docentes acabam se situando em condição de desigualdade no coletivo da escola”.

Outra característica marcante deste docente, diz respeito ao seu planejamento, como podemos observar no fragmento abaixo descrito por Bossle (2002, p. 36):

O planejamento de ensino dos professores de educação física considera um objeto de estudo baseado na cultura corporal, não raras vezes limitado às aulas práticas. Considero que é neste ponto que este coletivo se difere dos demais da escola na questão do planejamento de ensino, há uma “liberdade”/flexibilidade maior para programar e organizar sua prática pedagógica, baseando-se principalmente no plano de aula (produto), em que o professor pode estabelecer o que vai realizar naquela aula.

Porém, neste contexto, “o planejamento não é percebido para alguns professores como possibilidade de construção de um processo de ensino-aprendizagem, mas, de uma forma ‘burocrática de organização das atividades’”. (BOSSLE 2016, p. 164). Ainda, muitas vezes, as aulas são adaptadas para cumprir a carga horária do dia, onde, o planejamento se dá, inclusive, no caminho de casa para a escola, ou até mesmo no intervalo entre um período e outro.

Para chegar à este ponto, é preciso levar em consideração diversos fatores, que, de certa forma, acabam interferindo na atuação pedagógica deste coletivo de docentes, assim como, em sua forma de planejamento e organização. Dentre os principais fatores está, por exemplo, a distância entre o conhecimento que se produz na graduação e o contexto real encontrado nas escolas.

É preciso lembrar que as escolas estão distribuídas por diversos pontos das cidades, tendo, cada uma, suas peculiaridades e influencias sofridas pela sociedade

que à rodeia, por exemplo, indisciplina dos alunos, violência etc. Portanto, para elaborar um trabalho pedagógico, deve-se levar em consideração as condições e tradições da cultura de determinada escola, e a receita para tal feito, não está disponível em livros e tampouco, nos saberes disponibilizados durante a graduação.

Também, se tratando da graduação, deve-se atentar ao fato de que, muitos professores, ainda em atuação, possuem sua formação nos anos 70 – 80, o que marca um sistema de ensino “tecnicista”, voltado ao esporte, onde se abordava mais o caráter esportivo e regulamentação das modalidades, deixando de lado a pedagogia. Portanto, se juntarmos o fato de o professor ter em seu currículo da graduação, um ensino baseado no esporte, somando-se à isto, suas experiências de vida também vinculadas à vertentes esportivas, mais a falta de planejamento, não fica difícil apontar, qual será o conteúdo abordado durante as aulas destes professores, pois dificilmente passará da reprodução livre de algum esporte, muito provavelmente, o voleibol ou futebol/futsal, pois estes já fazem parte da cultura brasileira.

Outro fator que influencia diretamente no planejamento dos docentes, diz respeito ao espaço físico encontrado (ou não encontrado) em grande parte das escolas. No estudo (SILVA; DAMAZIO, 2016), trazido anteriormente, percebemos que, muitas vezes, o professor de EFI precisa adaptar ou ainda, replanejar sua aula em função do espaço físico limitado, ou ainda, falta de um espaço alternativo para utilizar durante períodos em que outro professor esteja atuando. Não obstante, o professor de Educação Física é o único docente da escola que fica a mercê do clima. Nos dias chuvosos, por exemplo, é preciso, “quando se tem vontade”, levar os alunos para sala e adaptar sua aula.

Entretanto, a restrição a que se impõe o próprio professor é, muitas vezes, o maior empecilho à prática. Isto ocorre justamente pela associação aula de Educação Física/Esporte, ou seja, o professor sempre imagina uma aula na quadra, com bolas oficiais, etc. Quando isto não existe na escola, ou quando a quadra não pode ser utilizada, a aula termina. Mesmo que o conteúdo a ser desenvolvido seja a ginástica, por exemplo, ou a dança, a aula é, via de regra, realizada na quadra. (BETTI, 1999, p. 29)

O mesmo problema é encontrado em função dos materiais. Sabe-se que o professor de EFI, dentre várias caracterizas, é singular em função dos materiais que utiliza em suas aulas (bolas, cones, cordas, arcos, colchonetes etc.). Desta forma, muitas vezes, se faz alusão de que, uma “boa aula”, é aquela que possui uma

variedade de materiais. Porém, nem sempre tais materiais são encontrados nas escolas o que, de certa forma, acaba por desmotivar alguns professores. Por outro lado, “são poucos os professores que procuram utilizar outros materiais, diferentes dos convencionais nas aulas” (BETTI, 1999) ou ainda, produzir e adaptar seus próprios materiais.

Retomando a questão do planejamento, atrelado às questões de mencionadas anteriormente, no que diz respeito aos empecilhos que os Professores de educação Física encontram no âmbito escolar, se em determinada escola, houver apenas a disponibilidade de determinado material, o planejamento se dará ao redor deste, limitando assim, os conhecimentos que poderiam ser disponibilizados aos alunos, através do grande leque de atividades que a Educação Física contempla, o que de certa forma, colabora para a hegemonia de algumas atividades.

Percebe-se então que, muitos fatores podem intervir na atuação do professor de Educação Física, o levando, de certa maneira, à um desleixo para com sua profissão e, conseqüentemente, à práticas do “fazer por fazer”.

Ainda, se “o esporte é o veículo mais utilizado como forma de difusão do movimento corporal na escola” (BETTI, 1999, p. 25) e “O planejamento não é percebido para alguns professores como possibilidade de construção de um processo de ensino-aprendizagem, mas, de uma forma “burocrática de organização das atividades”” (BOSSLE, 2003), não fica muito difícil compreender o porquê de a Educação Física sofrer uma Esportivização onde, há hegemonia de algumas modalidades esportivas como, futebol/futsal, voleibol, assim como, a cultura do “largobol”.

3.3 O ALUNO

Sabe-se que a educação é um direito de todo cidadão, sendo o estado, o responsável por garantir o seu acesso. Desta forma, a Educação Física, por ser integrante do currículo escolar, também é um direito daqueles que passam pela escola.

Todavia, dizer que a disciplina faz parte do currículo, não significa que ela, de fato, consiga alcançar seus objetivos de forma a contemplar igualdade de oportunidades à todos.

Os motivos podem ser os mais diversos e transitam entre a falta de espaço (não há espaço suficiente para que todos os alunos realizem as atividades por todo o tempo da aula, afirmam alunos e professores); falta de material; falta de habilidade motora do aluno (como se um dos objetivos da disciplina fosse mesmo tentar ensinar essas habilidade); e falta de interesse dos alunos. (DARIDO; RANGEL, 2008, p. 38)

Contudo, a Educação Física escolar, deveria causar um sentimento de prazer ao aluno, para que este, quando estivesse fora da escola pudesse ter autonomia em relação à prática de atividades físicas, sem auxílio de profissionais. Porém, o marasmo observado em muitas realidades, acaba por desinteressar e desmotivar os alunos, ainda no âmbito escolar.

Um dos fatores que pode levar à este quadro de desinteresse, por exemplo, se dá devido à forte influencia tecnicista e esportiva na graduação dos professores, estes, por sua vez, por ter na raiz de seus conhecimentos tais características marcadas pelo processo histórico ao qual passou a EF, acabam por dar atenção para aqueles alunos que possuem uma maior habilidade motora, o que acaba por afastar os alunos que necessitam de estímulos para desenvolver suas habilidades. Isso traz como consequência, além do desinteresse destes alunos em participar das aulas, uma provável fase adulta sem atividades físicas.

Um estudo (DARIDO, 2004, p. 74) revela que, no ponto de vista de alguns alunos, existe sim um modo de tratamento diferenciado para aqueles que possuem melhores habilidades e isso se repercute tanto no Ensino Fundamental, quanto no Ensino Médio, onde tal diferenciação é ainda maior. Porém, esta exclusão pode ocorrer por diversos fatores que, os quais nem sempre partem dos professores. Muitas vezes a situação de exclusão se dá entre os próprios alunos por serem obesos, menos habilidosos, portadores de necessidades especiais, tímidos, entre outros.

Este fato, por sua vez, pode ser um grande fomentador para o abandono, por parte dos alunos, nas aulas de Educação Física. Conforme Darido (2004, p. 70), a porcentagem de alunos que “participam sempre” das aulas, caem de quase 90% no 5º ano do Ensino Fundamental, para 57,7% no 1º anos do Ensino Médio. Um dado ainda mais alarmante se dá quanto aos alunos que “nunca participam”, onde essa porcentagem inicia com 0,3% no 5º ano, saltando para quase 20% no 1º ano do Ensino Médio. Com base nisso, pode-se perceber que, com o passar dos anos, a Educação Física vai perdendo a importância entre os escolares.

Outro fator que pode influenciar diretamente na efetiva participação dos alunos nas aulas de Educação Física, diz respeito aos conteúdos que são trabalhados. De acordo com Betti (1999, p. 25), “o conteúdo desenvolvido raramente ultrapassa a esfera esportiva; mais do que isso, restringe-se ao voleibol, basquetebol e futebol.”

Para embasar essa afirmação, Darido (2004, p. 70), ao questionar 1.172 alunos da rede pública de Rio Claro, constatou que, na 5ª série do Ensino Fundamental, 79% afirmaram que aprendem sobre esportes na EFI, na 7ª série 72,7% e no 1º anos do Ensino Médio, 57,8%. Com base nisso, percebe-se que os conteúdos esportivos são predominantes nas aulas de Educação Física.

É de comum acordo que, cada indivíduo possui suas limitações e, quando uma dessas limitações se dá, por exemplo, na prática de uma modalidade esportiva, é compreensível que haja desinteresse por parte do aluno. Portanto, caberia ao Professor de Educação Física, procurar alternativas para ampliar o leque de atividades oportunizadas, para abranger o maior número de alunos participantes possíveis.

Então fica evidente que a disciplina da Educação Física precisa passar por uma reformulação no seu modo de atuar dentro da escola. É preciso que haja uma forte ação do professor, abordando diversos conteúdos para abranger o maior número de alunos, assim como, dar um significado para que os alunos possam se interessar e compreender o motivo pela existência da disciplina no currículo escolar.

4 O ESPORTE COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL

O esporte cada vez mais vem ganhando seu espaço na sociedade. Não é preciso ir muito longe para se ter qualquer informação sobre acontecimentos esportivos. Televisão, jornais, canais pagos, anunciam programações voltadas exclusivamente à este que, para Tubino (2001) é “o maior fenômeno do século XX”. Portanto este capítulo tentará descrever algumas características que compõem este fenômeno.

4.1 O QUE É O ESPORTE?

O termo “Esporte”, embora seja de comum uso pela sociedade, academicamente possui significados e características nem sempre tão óbvias assim. Antes de qualquer coisa, é preciso considerar três principais características para que se possa desenvolver o seu real significado que, conforme Valdir Barbanti (2016) são eles: “1 – Esporte refere-se a tipos específicos de atividades; 2 – Esporte depende das condições sob as quais as atividades acontecem; 3 – Esporte depende da orientação subjetiva dos participantes envolvidos nas atividades”.

Muitos conceitos equiparam o esporte à atividade física, porém, o esporte envolve características como atividades motoras e esforço físico. Desta forma, seu sentido não delimita-se tão somente à atividades físicas. Atividades como xadrez e jogo de cartas, por exemplo, demandam habilidades motoras, porém, exigem pouco o esforço físico para realizá-las, portanto, é excluído seu caráter esportivo.

De acordo com alguns sociólogos esportivos, o esporte tem como características, uma competição que ocorra de forma organizada. Como é o caso de Valter Bracht (1989, p. 35) que entende o esporte como uma atividade corporal, com caráter competitivo, que surgira na cultura européia em meados do XVIII e que se expandiu por todo planeta. Além disso, é preciso que traga consigo características básicas como: competição, rendimento físico-tático, Recordes, racionalização e cientificização do treinamento.

Já Mauro Betti (1991), trata conceitualmente o esporte como uma ação social institucionalizada, estruturada com regras, cuja base se dá de forma lúdica, com caráter competitivo entre dois ou mais componentes ou contra a natureza, onde o vencedor será aquele que obtiver o melhor desempenho.

De forma mais detalhada, Carol Kolyniak Filho (1997, p. 35), aborda o esporte como uma atividade realizada com um formato de jogo (Sem que se saiba antecipadamente o seu vencedor), onde duas ou mais pessoas confrontam determinadas habilidades motoras específicas, em condições e limite espaço-temporais preestabelecidos, competindo segundo regulamento, normas e procedimentos reconhecidos, registrados e controlados publicamente e, ainda, onde seja possível equiparar os resultados obtidos com competições similares.

Portanto, conforme os pontos de vistas apresentados, em geral, o esporte se dá através de uma atividade física competitiva e que é institucionalizada. Não obstante, geralmente envolve a padronização e imposição de regras e o desenvolvimento informal de habilidades.

Porém, ao longo dos anos o esporte foi crescendo e ocupando seu espaço nas mais variadas culturas, até chegar ao ponto de se tornar um fenômeno cultural. Tal fato se dá principalmente pelo inestimável valor e influências que este têm, em especial, vinculado à economia, política, saúde e educação. Sedo assim, não é mais possível reduzir o esporte à sua manifestação mais popular: esporte de rendimento ou de competição.

Desta forma, deve-se reconhecer o esporte num sentido mais amplo, onde contempla a manutenção de saúde, prática de lazer, e até mesmo, a reprodução na escola, sem que haja o intuito de participação em competições. Neste contexto, engaja-se à este sentido amplo do esporte, toda cultura de movimento desportivizada e não somente aqueles considerados esporte tradicionalmente.

4.1.1 Classificação do Esporte

O esporte pode ser classificado de diversas maneiras, conforme o ponto de vista de diferentes autores. Este trabalho tomará por base o ponto de vista de Manoel José Gomes Tubino (2001), que classificou o esporte em três aspectos de manifestação: o esporte-educação; o esporte-participação; e o esporte-performance ou de rendimento.

O esporte-educação, tem como foco central o âmbito escolar, onde o professor de Educação Física é o responsável por proporcionar vivências nas mais variadas modalidades abordando, através de sua manifestação, aspectos de

cidadania, problemas que envolvem o esporte na sociedade, doping, corrupção, violência e, ainda, evitando a exclusão e a competitividade exacerbada

O esporte-participação, tem em sua raiz um caráter mais lúdico e ocorre em espaços livres, sem que haja comprometimento com tempo e obrigações da vida diária. Tem como principal propósito, proporcionar a descontração, a diversão, o desenvolvimento pessoal e a integração social.

O esporte-performance, também conhecido como esporte de rendimento, é caracterizado por ter um propósito baseado na vitória sobre o adversário. É exercido sob o regimento de regras preestabelecidas e, apresenta uma tendência à ser praticado por talentos esportivos, o que, de certa forma, marca um caráter antidemocrático.

Quanto à caracterização, é possível dizer que o esporte ainda pode ser dividido ou classificado de acordo com algumas características. Se o esporte for praticado na água, por exemplo, se caracterizará um esporte aquático. Se essa classificação se der pelo número de participantes, será classificado como coletivo ou indivíduo

4.2 A PEDAGOGIA DO ESPORTE NA FASE ESCOLAR

A Educação Física, não pode deixar de lado vertentes esportivas, pois é através delas que pode-se encerrar comportamentos corporais marcados historicamente pela sociedade, além de abordar dimensões antropológicas fundamentais e essenciais dos indivíduos.

Ainda, para Jorge Olimpio Bento (1992, p. 13),

O desporto, com a diversidade das suas modalidades e disciplinas, dos seus sentidos e modelos, constitui o expoente das modernas tecnologias do corpo, disponibiliza muitas e variadas maneiras de lidar com o corpo, com os seus fenómenos, com as suas aspirações e necessidades.

Portanto, abordar o esporte no âmbito escolar, é trabalhar as questões corporais, as quais se baseiam a estrutura da EFI.

O esporte, além de ser um fenômeno cultura, é um conteúdo tradicional do componente curricular da Educação Física por estar diretamente ligado à nossa sociedade. Porém carece receber um tratamento pedagógico adequado.

Sabe se que, muitas vezes, ao desenvolver o esporte na escola, os professores acabam seguindo um vertente tecnicista, voltada à reprodução de gestos técnicos. Não que isso seja totalmente ruim, porém deve-se oportunizar aos alunos, aprendizados que lhe permitam ir além da simples reprodução, assim como, analisar o porquê de realizar tais gestos e quais os seus benefícios. Deste modo, se faz necessário uma ação mais contundente por parte dos professores, para que mude a imagem historicamente construída de “professor-treinador” onde seu papel restringe-se unicamente na didática da reprodução de determinada modalidade esportiva focada no alto rendimento.

Nas palavras de Paes (2002, p. 91)

A modernidade exige que o profissional de Educação Física compreenda o esporte e a pedagogia de forma mais ampla, transformando-se em facilitador no processo de educação de crianças e jovens. Nesse contexto, é preciso ir além da técnica e promover integração dos personagens, o que só será possível se essa proposta pedagógica estiver embasada também por uma filosofia norteada por princípios essenciais para a educação dos alunos.

Seguindo o modo de pensar de José Carlos Libâneo (2002), investigar a realidade educacional em transformação, é dever da pedagogia, para que se possa explicar os objetivos e os possíveis processos metodológicos de intervenção, portanto em hipótese alguma, com seus diversos pedagogos, a Educação Física deve tratar seus conteúdos de forma simplificada, negando contextos e responsabilidades sociais de formação de cidadão.

Portanto, ao observarmos o processo de Esportivização e, a inda, a hegemonia de algumas modalidades esportivas que, muitas vezes se valem da cultura do “largobol”, devemos abordar o esporte no âmbito escolar de maneira que, além do aprendizado da modalidade esportiva com seus fundamentos técnicos e táticos, proporcione o desenvolvimento psicossocial e motor do aluno, além da compreensão de que o esporte é um fenômeno cultural. Ainda, o esporte de estimular sentimentos de cooperação, trabalho em equipe, solidariedade, respeito, ética, noção dos benefícios e malefícios de sua reprodução, não obstante, que cause um sentimento de prazer, para que o aluno possa levar da escola, seu gosto por alguma modalidade esportiva e, assim, possa desenvolver com autonomia fora do âmbito escolar.

5 A ESPORTIVIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Este tópico fará uma análise da “Esportivização” nas aulas de Educação Física, tendo como base, o trabalho de Irene Conceição Rangel Betti (1999, p. 28).

5.1 ALGUNS FATORES DETERMINANTES PARA A ESPORTIVIZAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

Sabe-se que o esporte é o meio mais utilizado entre professores para aplicar a Educação Física na escola, valendo-se apenas do famoso “quarteto fantástico” (futebol, vôlei, basquete e handebol), deixando de lado outras modalidades como a dança, ginástica, capoeira, lazer etc.

Conforme Irene Conceição Rangel Betti (1999, p. 26) - é preciso lembrar que existem razões históricas, nem sempre lembradas, como nascente desta “Esportivização” da Educação Física Escolar. O marco principal se dá na Revolução industrial, primeiramente iniciada na Inglaterra, e que se espalhou por volta de 1850 em países da Europa e América. Diferentemente de outros países, a Educação Física inglesa, não possuía caráter militar de disciplina e treinamento, sendo assim, a maior contribuição deste país foi a do esporte. Devido às circunstâncias vividas na época, houve fortes reivindicações por privilégios educacionais, fato importante para o desenvolvimento e proliferação dos jogos esportivos.

Inicialmente o esporte era praticado por aristocratas, mas logo em seguida passou a ser praticado também pela classe média, inclusive com a criação de clubes e associações esportivas, expandindo-se por todo mundo a partir do século XIX. A Esportivização iniciou-se na década de 50, com o Método Desportivo Generalizado, atingiu seu auge na década de 70, onde o Binômio mais utilizado foi Educação Física/Esporte chegando o governo subordinar a Educação Física ao esporte.

Ainda, de acordo com Bracht (*apud* BETTI, 1999, p. 26), a escola, por aceitar o esporte como forma didática, acaba desempenhando um papel de base para o esporte de auto-rendimento, portanto o professor passa a professor-treinador e o aluno a aluno-atleta, uma vez que falta definição para o verdadeiro papel do professor na Educação Física escolar.

Quanto à Educação Física na escola, de acordo com Darido (2003), desde meados da década de 1980 tem havido mudanças nas suas concepções, em um

processo que envolve diversas transformações, tanto nas pesquisas acadêmicas nesse segmento, quanto na prática pedagógica dos Professores do componente curricular.

Segundo Darido; Ragel (2008), naquele período, devido à fase de redemocratização vivida em nosso país, diversos fatores acabaram por influenciar a Educação Física, sendo eles:

- Movimentos instituídos de organização civil, que solicitava a participação direta da população nas eleições do Poder Executivo, principalmente para a Presidência da República. Esses movimentos contavam com um contingente de Professores e acadêmicos da área de Educação Física;
- Liberdade efetiva na comunidade acadêmica para pesquisar todas as áreas do conhecimento científico e filosófico, mesmo aquelas relacionadas às tendências que eram opostas ao regime do governo;
- Encontros e debates entre profissionais e acadêmicos. Esses eventos eram promovidos pelas instituições criadas para representar os interesses da Educação Física, baseadas, cada uma, em concepções diferentes da área.

Essas mudanças serviram para romper, ao menos no nível do discurso, a supervalorização do desempenho como objetivo único da escola.

Com isso, pode-se perceber que ao longo dos anos, a Educação Física sofreu diversas influências e, consecutivamente, passou por mudanças em sua maneira de agir e pensar. Os objetivos e propostas educacionais da Educação Física foram se modificando ao longo dos últimos séculos e, todas essas tendências, de algum modo, ainda hoje influenciam na formação dos profissionais desta área

Bracht (1992) relembra que, “no Brasil os elementos da cultura corporal/movimento predominantemente na Educação Física foram, num primeiro momento, a ginástica e, num segundo momento – e esta é a situação atual – o esporte”.

Como vimos ao longo deste trabalho, além dos fatores “Escola” e “Alunos”, percebe-se certa resistência por parte dos professores quanto à nova proposta de ensino, e isso parece se repercutir na escolha dos conteúdos durante o ano letivo.

Geralmente o ano é dividido em "bimestres letivos". No 1º bimestre é oferecido o futebol no 2º o handebol, o 3º o basquetebol e no 4º bimestre o voleibol. Se esta programação é cumprida, pelo menos consegue-se mostrar aos alunos quatro modalidades. O problema é quando ela é repetida para todos os alunos, independentemente da faixa etária e quando ela se repete ano após ano, sem alterações. Pior ainda é quando ela fica apenas no papel, e os alunos vêem apenas uma modalidade durante todo o ano. (BETTI, 1999, p. 28)

A citação acima, embora traga um quadro de 1999, ainda hoje, se faz muito presente em grande parte das escolas.

Alguns motivos podem ser levantados para tentar explicar essa resistência, entre eles, como por exemplo: a inseguranças dos professores por não dominarem os conteúdos e acabam trabalhando com o que tem mais afinidade, ou a desculpa da falta de espaço, falta de material ou por acreditarem que os alunos não terão interesse por conteúdos novos. Cabe ressaltar que muitos professores, tiveram motivação para ingressar na graduação, devido à sua história de vida, onde muito provavelmente, eram praticantes de determinada modalidade. Desta forma, torna-se difícil se desvencilhar da vertente que fomentou o professor a seguir o caminho da prática esportiva.

Outro ponto a se levar em consideração é a existência de uma idéia, por parte da população, de que o professor de Educação Física é um superatleta, causando insegurança dos professores para confessar que não sabe executar todos os conteúdos da disciplina. Assim como os alunos “pensam” que o professor de história, conhece toda a História mundial, ou que o professor de Matemática sabe efetuar de maneira exímia qualquer tipo de cálculo, o aluno de EFI, “pensa” que o professor de Educação Física, além de conhecer todas as modalidades esportivas, também sabe praticá-las. Isso causa certo desconforto e até mesmo insegurança por parte de muitos professores na hora de planejar abordar alguma modalidade que não é de seu conhecimento.

Se o professor não conhece ou não domina um conteúdo, cabe à ele procurar alternativas, como por exemplo: estudar os livros que descrevem os fundamentos esportivos ou vídeos demonstrativos. Hildebrandt e Laging (*apud* BETTI, 1999, p. 28) afirma que, existem diversas maneira de ensinar os alunos determinadas modalidades esportivas, sem que seja preciso demonstrar os gesto.

No que tange à falta de espaço, trata-se de um problema mais delicado, pois muitas escolas de fato não possuem um espaço físico adequado, porém por vezes este é um fator impeditivo imposto pelo próprio professor, justamente pela associação da Educação Física ao esporte, ou seja, o professor sempre imagina uma aula na quadra com bolas oficiais etc. É muito possível fazer atividades diferenciadas sem o uso de uma quadra poliesportiva. Tudo é questão de capacidade, vontade e criatividade para remanejar os moldes de suas aulas, afim de proporcionar outras experiências..

Em relação ao material, cabe salientar que, muitas escolas, não possuem materiais para auxiliar no trabalho pedagógico do professor de Educação Física, portanto, é necessário que o professor utilize de sua criatividade para “criar” os materiais que irá utilizar. Por exemplo: utilizar pneus como colchões para salto em altura, para o atletismo pode-se utilizar de latas, cimento e cabo de vassoura para fabricar as barreiras, cabos de vassouras cortados podem dar bons bastões para o revezamento.

Do ponto de vista dos alunos, conforme a entrevista de Betti (2008), existe o interesse em aprender um maior número de atividades diversificadas, portanto é preciso renovar a forma didática de utilização do esporte na escola para que assim, de fato haja um aprendizado através do esporte, já que este se faz presente em grande parte das aulas de Educação Física.

Assim, resta evidente que o interesse dos alunos, na maioria das vezes, é diretamente proporcional ao empenho do professor, que é o principal responsável pela mudança do conceito de educação física tido pelos alunos. Portanto, a “Esportivização” no âmbito escolar, parece estar mais atrelada à falta de motivação, organização e planejamento por parte do professor, não colaborando para mudar este contexto em que se apresenta a EFI, do que qualquer outro fator extrínseco, como estrutura escolar, carência de materiais, ou até mesmo o interesse dos alunos.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, pudemos perceber que, em sua história, a Educação Física sofreu diversas influências, interferências e modificações, impactando diretamente em sua forma de atuar. Tais modificações, levaram a Educação Física à uma “Esportivização” e como se não bastasse, à “Hegemonia” de algumas modalidades esportivas.

Em primeiro momento, sob fortes influências das vertentes Higienista e Militarista, tinha uma atuação voltada ao sentido eugênico, cultura do corpo, saúde, assim como um sentimento patriótico e de submissão ao governo. Logo em seguida veio o período Ginástico, que possuía em sua essência, métodos e vertentes européias. Por fim, chegando no período que mais à influenciou e, ainda hoje influência: o esportivo.

Quanto à atuação da Educação Física na escola, vimos que carrega consigo a influência do esporte impregnado em sua raiz. Isso faz com que sofra uma falta de legitimidade, além de ser vista com maus olhos por grande parte da comunidade escolar. Observamos que tal fato se dá devido ao processo de Esportivização, onde por diversos fatores, produzido por grande parte dos Professores da área, induziram à uma abordagem voltada única e exclusivamente à modalidades esportivas, não obstante, - por desleixo de muitos professores que veem o plano de aula como mera burocracia -, à um caráter de aula livre.

Embora os professores de Educação Física, tragam em sua graduação, disciplinas como dança, ginástica, folclore, entre outras, pouco se utilizam de tais conteúdos, prevalecendo em suas aulas conteúdos esportivos, não obstante, o “Quarteto Mágico” (Futebol, Voleibol, Basquetebol, Handebol).

Esse contexto veio se repercutindo ao longo dos anos e diversos fatores foram aqui apontados, dentre eles: falta de estrutura da escola, falta de materiais, falta de aceitação por parte dos alunos em trabalhar novos conteúdos, falta de planejamento do professor.

No que tange a falta de espaços físicos dentro das escolas e da falta de materiais, fica parecendo mais uma limitação imposta pelos próprios professores que, sem muita imaginação, criatividade e vontade, limitam suas aulas ao uso exclusivo de uma quadra e materiais e, quando isso não está à disposição, leva sua

aula ao marasmo, muitas vezes reproduzindo a cultura do largobol ou ainda não dando aula.

Assim, resta evidente que o interesse dos alunos, na maioria das vezes, é diretamente proporcional ao empenho do professor, que é o principal responsável pela mudança do conceito de educação física tido pelos alunos. Portanto, a “Esportivização” no âmbito escolar, parece estar mais atrelada à falta de motivação, organização e planejamento por parte do professor, não colaborando para mudar este contexto em que se apresenta a EFI, do que qualquer outro fator extrínseco, como estrutura escolar, carência de materiais, ou até mesmo o interesse dos alunos.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO; Fernando de. **Fernando de Azevedo da Educação Física. O que ela é – o que tem sido – o que deveria ser.** São Paulo e Rio de Janeiro: Proprietários, 1920, pag. 206.

BARBANTI, Valdir José. **O que é Esporte?** Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde. Disponível em:
<http://sistemas.eeferp.usp.br/myron/arquivos/7844237/e169c31d328f4fa63211594b6cbf6075.pdf> Acessado em: 06/06/2016

BENTO, J. O. **Educação Física na Escola Primária.** Faculdade de Ciência do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, V. II, 1992, Pag. 13.

BETTI, Irene Conceição Rangel. **Esporte na Escola: Mas é só isso professor?** - Motriz, Vol. 1, Número 1, Junho de 1999, Pág. 25-31.

BETTI, Irene Conceição Rangel. **O Prazer nas Aulas de Educação Física Escolar: A perspectiva Discente.** Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Campinas. Campinas, 1992.

BETTI, Mauro. **Educação Física e Sociedade.** São Paulo: Movimento, 1991.

BOSSLE, Fabiano. **Planejamento de Ensino na Educação Física – Uma Contribuição ao Coletivo Docente.** Movimento, Porto Alegre, v.8, n. 1, p. 31 – 39, 2002.

BOSSLE, Fabiano. **Planejamento de Ensino dos Professores de Educação Física do 2º e 3º Ciclos da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre: um estudo do tipo etnográfico em 4 escolas desta Rede de Ensino.** Porto Alegre: UFRGS, 2003. (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) Escola de Educação Física, UFRGS, 2003

BOSLLE, Fabiano. **Planejamento de Ensino na Educação Física. O que pensam os Professores?** Disponível em:
http://www.facos.edu.br/old/revistas/trajetoria_multicursos/planejamento_de_ensino_de%20educacao_fisica.pdf. Acessado em: 01/06/2016

BRACHT, Valter. A Educação no Ensino Fundamental. In: **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas atuais**. Belo Horizonte, Nov. de 2010, p. 1-14. Acesso em 31/05/2016.

BRACHT, Valter. **Educação Física e Aprendizagem Social**. Porto Alegre: Magister, 1992, p. 35.

BRACHT, Valter. Esporte-estado-sociedade. Campinas: **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, v. 10, n. 2, p. 69-73, jan. 1989.

BRACHT, Valter; PIRES, Rosely; GARCIA, Sabrina Polony; SOFISTE, Ana Flávia Souza. A prática pedagógica em Educação Física: a mudança a partir da pesquisa-ação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 23, n. 2, jan. 2002, p. 9-29.

BRASIL. Decreto n.º 60.450, de 2 de novembro de 1971. Regula a prática de educação física em escolas de 1º grau. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d69450.htm> Acesso em 10 Maio 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física – ensino de quinta a oitava séries**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/fisica.pdf>> Acesso em: 21 maio 2016.

COUTINHO, Veramoni. **A Instituição Escolar na Sociedade Contemporânea**. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-instituicao-escolar-na-sociedade-contemporanea.htm>> Acesso em: 21 maio 2016.

DARIDO, Suraya Cristina. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividades físicas. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.18, n.1, p.61-80, jan./mar. 2004.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na Escola: Questões e Reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. - **Educação Física na Escola: Implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

DEIROZ, Ariane de Castro – **O esporte como conteúdo das aulas de Educação Física: Uma análise de sua aplicabilidade no contexto educacional**. Monografia (licenciatura do curso de Educação Física) – Academia de Ensino Superior. Sorocaba, 2008. Disponível em: <http://www.quantaedu.com/v1/components/com_mtree/attachment.php?link_id=89&cf_id=28> Acesso em 21 maio 2016.

DESSBESELL, Giliane. **PRÁTICAS CURRICULARES DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: “RASCUNHOS DE UM PROJETO DE DISCIPLINA NA REDE ESTADUAL DE ENSINO DO RIO GRANDE DO SUL** / Giliane Dessbesell. - 2014. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do rio Grande do Sul, 2014.

Filosofazer. Passo Fundo, ano XIV, nº26,p. 41 a 58, 2005-I.

GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1997.

GONZÁLES, Fernando Jaime; FRAGA, Alex Branco. **Afazer da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar**. Erechim: Edelbra, 2012.

KOLYNIAC FILHO. Carol. O Esporte Como objeto da Educação Física ou da Ciência da Motricidade Humana. **Discorpo**. v. 7, p. 31-46, 1997.

HILDEBRANDT, H. & LAGING, R. **Concepções abertas no ensino da Educação Física**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1986.

KUNZ, Eleonor. - O esporte enquanto fator determinante da Educação Física. **Contexto & Educação**, v.15, p.63- 73,1989.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991, p.34. (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e Pedagogos, Para Quê?**. São Paulo: Cortes, 2002.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009, p. 35.

PIMENTA, Selma Garrido. (org). **Saberes Pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2000, p. 15.

PAES, Roberto Rodrigues. **A pedagogia do Esporte e os Jogos**. In DE ROSE JR. D. **Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 91.

ROSSI Luciana; REIS Vanessa Aparecida; AZEVEDO Camila Ortis. **Desidratação e recomendações para a reposição hídrica em crianças fisicamente ativas**. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Luciana_Rossi3/publication/262631433_Dehydration_and_rehydration_recommendations_for_physically_active_children/links/548306970cf25dbd59eb0924.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2016

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico Crítica: Primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 2000.

Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física**. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

SILVA, M. F. P.; DAMAZIO, M. S. **O ensino da Educação Física e o espaço físico em questão**. Disponível em:
<https://revistas.ufg.emnuvens.com.br/feef/article/view/3590/4066#_ftn1> Acesso em:
11 jun.2016.

SOARES, Carmen Lúcia. et. al. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Editora Cortez, 1992. (Coleção Magistério 2º grau)

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa do século XIX. 2ª Ed. Campinas: Autores associados, 2002.

SOARES, Carmen Lúcia. Métodos Ginásticos. In: GONZÁLES, Fernando J.; FENSTERSEIFER, Paulo E. **Dicionário Crítico da Educação Física**. 2ª Ed. Ijuí: Unijui, 2008.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões Sociais do Esporte**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

WITTIZORECKI, Elisandro Schultz. **O trabalho docente dos professores de Educação Física na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre: um estudo nas escolas do Morro da Cruz**. / Elisandro Schultz Wittizorecki. – Porto Alegre: UFRGS, 2001. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Curso de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano.